

De fato, o Comitê do Conselho Nacional de Pesquisas do Brasil preferiu transferir às próprias instituições interessadas o estabelecimento das linhas de prioridade na pesquisa aplicada, mas é provável que esses projetos de pesquisa manifestem a tendência de concentrar-se no domínio da Sociologia Jurídica do Desenvolvimento Sócio-Econômico, que reflete a preocupação básica do país no presente momento.

Valores tropicais de cultura em face de impactos tecnológicos

Roberto Mota

O Trópico é o direto. A luz do sol cai perpendicular sobre nós. Não sei se haveria algum determinismo, não digo geográfico, mas geodésico, em nossa parte do planeta. Quase mais astrológico, do que astronômico. (E que falta me faz agora o vocabulário dos astrólogos!). Em qualquer época do ano, o sol; sempre o sol.

Já nas zonas temperadas, a luz como que se transforma em abstração, quase em «ente de razão», para usar a linguagem dos escolásticos; em «flatus vocos», se ousou dizer.

O Trópico é o concreto. O imediato. O que se dá todo de uma vez. O barroco, quase. O plano da razão — que em nenhuma latitude abdica ou pode abdicar de seus direitos — encontra-se misturado, absorvido, chupado e atolado na matéria concreta, no estofado de que são feitas todas as representações, todas as construções humanas. O estilo dito manuelino, as igrejas coloniais do Brasil todo estão aí, feito monumentos e comprovações do que estou querendo dizer. Não é que tudo tenha a mesma importância — plano racional e matéria com detalhes de mil e uma noites. O concreto — concretamente tudo que existe — é a mistura inextrincável do importante e do acidental. A importância é diferente; a existência a mesma.

Concreto, portanto, é a palavra que me parece resumir todos os valores tropicais. Economia concreta, relações humanas, relações sociais concretas, arte e religião concretas. Meu ponto de vista acredito que esteja próximo ao do fundador e diretor deste seminário, o Doutor Gilberto Freyre. Creio que a mesma palavra, *concreto*, revela o que há de mais fundamental, o núcleo mais íntimo de toda a sua obra.

Seu pensamento é em certos escritos menos conhecido do que *Casa Grande e Senzala* ou *Sobrados e Mocambos* que se faz mais explícito. Daí porque, para se conhecer bem Gilberto Freyre, há necessidade de leitura integral de sua obra excepcionalmente una, coerente, sem que se possa fazer acepção de volumes. Os estudos, para serem bons, têm que assumir feito meio de psicanálise; psicanálise longa, em que o essencial é deixar que o próprio analisando fale, que se revele, que se traia, por assim dizer, em mecanismos livres às vezes adiadas, exigindo paciência meio de detetive por parte do pesquisador.

Tenho tido quase como «hobby» a leitura atenta dos livros só aparentemente secundários de Gilberto Freyre. *Sugestões em Torno de Novos Contatos com Universidades Europeias*, por exemplo. Ou *The Racial Factor in Contemporary Politics*, que não se compreende, pelo que representa de síntese tão feliz das idéias do autor sobre relações raciais — no Brasil e no mundo — que uma instituição como o Joaquim Nabuco ainda não tenha feito traduzir e publicar. Tradução que poderia ficar a cargo do mestre de antropologia e de letras inglesas que é o Professor Waldemar Valente.

Outro desses escritos, secundários só na aparência, faço questão de repetir, é *A Propósito de Frades*, que Gilberto Freyre bem poderia ter intitulado *A Propósito de Minha Própria Obra*, tão fortes, para o olhar de cientista social com algum conhecimento de métodos psicoanalíticos de interpretação, os mecanismos projetivos e auto-reveladores que se descobre em sua leitura.

Não se trata absolutamente, quero salientar, de obra escrita em primeira pessoa. O pronome «eu» aparece em situações estritamente indispensáveis e o nome Gilberto Freyre nem uma vez.

Não seria demérito se aparecessem. Mas o bom conhecedor de Gilberto Freyre sabe — não me refiro àqueles de seus livros representados por memórias ou diários — que mais do que quando se cita ou menciona, mais do que quando diz eu, é ao tratar de frades, médicos, filósofos ou navegadores que dá as verdadeiras chaves para a interpretação de sua obra de antropólogo, historiador social e pensador.

Volto a dizer, se me permitem o parêntese, que acho perfeitamente legítimo que um autor do porte do Sr. Gilberto Freyre fale de si próprio em primeira pessoa, se assim lhe aprouver. O que tem irritado muitos de seus críticos, aliás, é menos que fale de si mesmo, como é dado a fazê-lo em artigos de jornais, do que seu prestígio e a importância de sua obra, lhe garantirem esse privilégio, compartilhado na razão inversa em que é invejado.

Creio às vezes redescobrir em Gilberto Freyre — pirandellianamente — um autor em busca de um leitor. Sugestivamente, um de seus livros — também dos na aparência secundários — chama-se *Seis Conferências em Busca de Um Leitor*. Como se ele próprio se apercebesse da riqueza da mensagem que transmite e, ansioso por sua recepção integral, tivesse que insistir, oportuna ou importunamente, em seus pontos fundamentais.

Nenhuma razão para espanto, no que eu digo sobre *A Propósito de Frades*. Trata-se ao mesmo tempo de «post-scriptum», com muita coisa a lembrar o Proust de *Le Temps Retrouvé* ou o *Unamuno de Vida de Don Quijote y Sancho*, a *Casa Grande et Senzala* e de manifesto-prefácio dos estudos de Luso-Tropicologia «tout court», antecipando em poucos anos a própria criação deste seminário.

Faz portanto, *A Propósito de Frades*, publicado em 1959, mas começado desde 1956 ou 1955, figura de ponte, de transição muito nítida e coerente, entre *Casa Grande e Senzala* e a devoção explícita de seu autor a estudos tropicológicos, estes porém virtualmente parte de sua obra desde as primeiras publicações.

E antes que eu saia de vez do assunto de relações entre obra e autor, permita-me ainda a douda e paciente assembléia a que tenho a honra de dirigir-me, outra breve expaciação. Por que tanto espanto, freqüentemente fingido, a respeito das auto-referências de Gilberto Freyre que, principalmente na parte mais exotérica de sua obra, não se peja de falar de si mesmo, e, às vezes, com todos os ff, rr, yy, e gg? Não precisa Freud para que se saiba que toda obra, de qualquer autor, representa um exercício de auto-projeção.

Gilberto Freyre dá-se ao luxo de ser explícito e declarado neste ponto. Tanto melhor.

O contraste entre valores tropicais e tecnologia é do tipo do que opõe, usando palavras do diretor deste seminário em *A Propósito de Frades*, «o particular ao universal, o concreto ao abstrato, e ousa até dizer, o especificamente regional ao abstratamente geral (pg. 71)». Valores tropicais dos quais Gilberto Freyre vem codificando a ciência, que se poderia, ainda em suas palavras, definir como «pragmatismo experimental... em face do mundo;... gosto pelo estudo direto da natureza diferente da europeia; humildade diante dos fatos; ... capacidades de entusiasmo por cores e formas de gente e de paisagem, diferentes das clássicas ou das greco-romanas». (pg. 60).

Assim definidos valores tropicais e tropicologia, pode-se legitimamente encarar, na mística de São Boaventura ou do próprio São Francisco de Assis, do Cântico do Sol ou do sermão dos pássaros, do amor seráfico, isto é, incandescente, por cada existente concreto, não digo a precursora, mas a antepassada de tais valores e de estudos.

As expressões «escola franciscana» ou «nominalismo franciscano» parecem-me adequadas aqui, apesar das diferenças entre São Boaventura, Duns Escoto e Guilherme Okham, sem falar em Roger Bacon, sem dúvida os maiores expoentes na filosofia e na teologia franciscanas medievais. Mais do que contra Santo Tomás de Aquino, foi contra seu próprio confrade Duns Escoto, o das «formalitates», da «haecceitas», da «distinctio formalis a parte rei», que Okham amolou a navalha de seu nominalismo, expresso no aforisma de que os seres não devem ser multiplicados sem necessidade, «entia non sunt multiplicanda sine necessitate», o que, bem entendido, nada tem a ver com problemas atuais, conjugais ou demográficos.

Seja, porém, na contemplação dos aspectos da natureza inesgotável ou na radical intuição da unidade, de irreduzibilidade de qualquer existente a qualquer outro, através dos bons ofícios de fórmulas abstratas puramente racionais, está sempre presente a inspiração mística do próprio São Francisco, estendendo a sal-

vação a genes, animais e aos próprios elementos inanimados da natureza, em gloriosa recapitulação total e cósmica.

Desde o Iluminismo, passando por Hegel e — especialmente no que se refere a cientistas sociais — por Max Weber, ficamos acostumados a encarar toda a história do Ocidente como a crescente manifestação da Racionalidade e por conseguinte da abstração, do espírito de cálculo e de método, que eliminaria, talvez com lentidão, mas de modo inexorável, os remanescentes de formas concretas, de tudo aquilo que Weber classificava de «magia», «Zauberei». Até mesmo distinto economista e homem público brasileiro como se deliciava no uso do germanismo «Entzäuberung», que quer dizer desmagização ou desmistificação.

«Destropicalização», portanto, se aceitamos de trópicos e de valores tropicais as caracterizações aqui apresentadas. Na ilusão do progresso contínuo e unilinear do espírito abstrato, gelado, de racionalidade e método, muitos brasileiros, mesmo quando professadamente nacionalistas, têm se deixado dominar por ansias anti-tropicais, anti-concretas, anti-franciscanas de seríssimos efeitos sobre nossa constituição por assim dizer antropológica ou nacional.

Exageros às vezes de marxistas, mais do que de Marx. Pois o que representa o Capital, cujo subtítulo muito significativamente se chama «Crítica da Economia Política», senão uma denúncia inteligentíssima e eruditíssima das contradições a que leva o desenfreado espírito de abstração. E o que de mais abstrato existe que o dinheiro, essa medida de todas as coisas em que o próprio «homo faber» transforma-se, por assim dizer? O caráter revolucionário da obra de Marx talvez se possa dizer que parta precisamente de seu caráter de reação contra a racionalidade abstrata, feita rainha, deusa patrona do Ocidente, nas bolsas de valores, em empresas pluri-nacionais que julgando todos os povos em termos apenas de mão-de-obra e rentabilidade, destrói, a deusa da ganância, individualidades nacionais e expressões concretas, franciscanas, de culturas locais e regionais.

Infelizmente, os atuais seguidores de Marx raras vezes se apercebem dos aspectos, que ousa paradoxalmente chamar

reacionários, da obra de seu mentor. Mas já passa do tempo em que se deve salvar o pobre do Marx das abstrações ingênuas, mas capazes de conseqüências catastróficas, dos marxistas.

O Trópico é o singular. É a percepção, e a valorização do que existe aqui e agora. Relações humanas econômicas, sociais, sexuais, culturais imediatas. Mas sobrevivem, podem sobreviver os valores tropicais em face de impactos tecnológicos? Não é a técnica, como dizia Werner Sombart que eu não vejo por que considerar desatualizado, «filha do espírito europeu de racionalidade e abstração?» Por menos deterministas que queiramos ser, não será que se impõe a constatação de que o modo tropical de existir estaria condenado, diante dos inevitáveis impactos da infra-estrutura tecnológica sobre relações sociais e formas culturais?

A questão se complica por causa de relações internacionais. Se as áreas tropicais possuem posição periférica e dependente em relação aos grandes centros de economia e tecnologia — que importamos e provavelmente continuaremos a importar por muitas décadas — não será por assim dizer fatal a importação concomitante de valores sociais e culturais não tropicais, abstratos, weberianos, que viriam substituir, que já substituíram ou estão substituindo em grande parte, nossa concretez ibero-tropical de genealogia franciscana?

Não me considero qualificado para garantir a sobrevivência do modo de vida tropical. O regionalista, tradicionalista e, a seu modo, modernista Alphonse Daudet sabia do que falava na estória da cabra de Monsieur Séguin, que lutou a noite toda contra o lobo, mas de manhã foi devorada.

E já que cedi à minha francofilia, possa eu mencionar apenas o título do último livro do também regionalista, tradicionalista e — sempre a seu modo — modernista Henri de Montherlant: *Tous Feux Éteints — Todos os Fogos Apagados*. Talvez nossos olhos já contemplem a luz de estrelas mortas.

Como etnólogo, gosto de observar as sobrevivências ainda fortes, sem dúvida — dos valores tropicais concretos, exilados

quase, reprimidos muitas vezes, ocultos. Uma área que tem sido num campo de estudo e pesquisas nos últimos dois anos é a das religiões populares, especialmente o Xangô do Recife. A sociedade branca ou brancarrona do Recife finge só tomar conhecimento da tremenda vitalidade desses cultos através do noticiário pitoresco ou policialesco dos jornais e da televisão.

Mas desconfio que o Xangô é fenômeno que em muito ultrapassa a área dos arrabaldes populares, dos morros e dos córregos. Reprimimos nossa morenidade nas abstrações do exotismo e da aculturação, a que têm cedido etnólogos dos mais competentes.

Assumimos ares de repugnância diante do concreto, do sangrento e do seboso dos sacrifícios, diante de possessões que se aparentam, em espécie senão em grau, aos fenômenos da mais alta mística, no que têm de contato imediato e direto do devoto com o Santo. Pois a própria Igreja Católica — e isso não só a partir do II Concílio do Vaticano, mas desde a introdução no Brasil, ainda no século XIX da arte e da devoção sulpicianas — vem fazendo esforços para se adaptar ao abstrato, ao limpo, ao burguês da nova era.

Estes estudos do Xangô, sobre os quais não me posso alongar sob pena de submeter a audiência de toda uma nova conferência, têm me mostrado a força que modos de agir e de pensar tropicais, concretos, selvagens quase, conservam no inconsciente popular. Sistemas de prestações econômicas diretas, que haveriam de seduzir o Marcel Mauss de *Essai sur le Don*, como seduziram Roger Bastide; formas diretas de dependência mais do que apenas rituais entre devotos, ou entre devotos e mestres — pais e mães de santo — que aliás estão longe de ser paradisiacamente igualitárias. Presença concreta, sacramental ousado dizer, em símbolos nos quais deuses africanos e santos europeus se transubstanciam.

A lição do Xangô me parece ser a da total explicitação, longe dos olhares indiscretos dos não-iniciados, de formas de comportamento econômico, social e cultural de que todos somos portadores, mas que, para inglês não ver, conservamos bem ocultas no mais fundo de nosso inconsciente coletivo.

Temo encerrar estas considerações meio com jeito — ou sem jeito — de «narodnik», de populista russo do tempo dos czares, anterior à revolução bolchevista. Ou com ar de pregador, clamando pela volta, pela conversão a valores tropicais e populares, onde não chega a maquilagem amarela das recentes luminárias da cidade.

Os testes como instrumento de seleção e orientação vocacional

Rubem Eduardo da Silva

Qualidade fundamental dos instrumentos de seleção e orientação vocacional.

Um aspecto característico dos instrumentos usados em Psicologia e Educação é a necessidade de demonstrar em que proporção desempenham o papel que deles é esperado. Não se pode concluir o que medem os testes simplesmente analisando os nomes que lhes são atribuídos. Os testes não medem diretamente aquilo em que estamos interessados. Do comportamento externo constatado pelo teste, são feitas as deduções a respeito das características do indivíduo, objeto de estudo. É por isso que a primeira e mais importante pergunta que deve ser respondida sobre um teste é para que constatação é ele um instrumento válido. É preciso verificar em cada situação, se o teste está medindo aquilo que se deseja que ele meça.

A validade de um teste é um índice de sua qualidade para fornecer uma medida de algo diferente do que ele mede diretamente. Assim, é válido um teste de raciocínio abstrato, quando se pode constatar que um resultado obtido por um indivíduo neste teste indica sua posição com relação a seus companheiros, quanto ao raciocínio abstrato e não apenas quanto ao número de questões que conseguiu acertar. Para se constatar o que mede realmente um teste, será necessária uma série de averiguações que conduzirão à sua validação.

O processo de validação de um teste, que deve ser contínuo, vai possibilitar se aprender cada vez mais sobre o que significam os seus escores, para que sejam interpretados adequadamente. O significado de um teste, segundo Dunnette¹, deve ser deduzido do acúmulo de informações sobre ele. Validação de um teste é um processo semelhante ao da avaliação de uma teoria científica, sendo necessárias diversas observações e suas interpre-